



VICTOR SERGE

O ANO I DA REVOLUÇÃO

Traduzido por
Nuno dos Santos

ÍNDICE

<i>Nota à presente edição</i>	15
---	----

ANO I DA REVOLUÇÃO

Prefácio inédito (1938)	21
Prefácio à primeira edição	27
1 DA SERVIDÃO À REVOLUÇÃO PROLETÁRIA.	33
1861. A emancipação dos servos.	33
1881. «A Vontade do Povo» (<i>Narodnaia Volia</i>).	35
1885. Nascimento do movimento operário.	38
1895-1903. O Partido do Proletariado	42
O Partido Socialista-Revolucionário	46
1905. A Primeira Revolução Russa. As suas causas	49
1905. A batalha	52
1905. Os resultados	58
1907-1914. A reacção e o imperialismo franco-russo.	61
1917.	63
2 A INSURREIÇÃO DE 25 DE OUTUBRO DE 1917	69
As massas	69
O Partido do Proletariado	72
A caminho da insurreição	73
Os chefes proletários	77

Lenine	80
A Guarda Vermelha.	82
Velada de armas	85
Kronstadt e a frota.	89
O assalto ao Palácio de Inverno	91
Os congressos dos soviets	94
Em Moscovo: crise económica e levantamento	97
Os começos do terror branco.	100
Organização e espontaneidade	103
 3 AS CLASSES MÉDIAS DAS CIDADES CONTRA O PROLE-	
TARIADO.	105
Os grandes decretos: a paz	105
A terra	107
O primeiro Conselho dos Comissários do Povo	109
O motim dos «Junkers»	111
A divisão cossaca avança sobre Petrogrado	112
Socialismo de contra-revolução	115
A sabotagem	120
A iniciativa das massas	123
O álcool	126
A crise do poder	128
Realismo proletário e retórica «revolucionaria»	134
As classes médias das cidades e a Revolução	136
As «leis de guerra» não se aplicam à guerra civil.	139
 4 PRIMEIROS LAMPEJOS DA GUERRA CIVIL	
A CONSTITUINTE	143
O Direito das Nacionalidades.	143
A resistência do Grande Quartel-General. A tropa contra os generais	145
Kaledin. Derrota da contra-revolução cossaca	148
A Ucrânia.	153
A tragédia da frente romena.	156
Massacres de oficiais	158
O armistício	160
Ao trabalho.	163

ÍNDICE

As eleições para a Constituinte	166
A defesa da Constituinte	171
A Constituinte na derrocada	174
O «controlo operário da produção»	180
A burguesia e a pequena burguesia numa luta separada . . .	185
 5 BREST-LITOVSK	 189
A Rússia e o imperialismo	189
O problema em Janeiro de 1918	191
A fórmula imperialista de uma paz sem anexações	194
Junto de Czernin e de Ludendorff.	196
Conversações	198
Lenine em minoria	203
As teses de Lenine	206
A tese de Trotski.	208
«Nem paz, nem guerra»	210
A anulação das dívidas e os Aliados.	213
«A Pátria Socialista em Perigo»	217
Lenine vence	219
O Tratado	221
Aguentar sem palavras	223
Problemas e tácticas.	226
A saúde do Partido Proletário.	230
Os resultados da primeira paz imperialista	232
 6 AS TRÉGUAS E A GRANDE RETIRADA.	 235
A ocupação da Ucrânia	235
Na Finlândia, os proletários tentam uma revolução demo- crática	239
O terror branco na Finlândia	245
A «independência» do Cáucaso.	250
A Comuna de Baku. O massacre dos Vinte e Seis	254
Lenine no III Congresso dos Sovietes.	258
O problema	260
«Pereceremos se...» (<i>Lenine no VII Congresso do Partido</i> <i>Comunista Russo</i>).	262
A tese do sacrificio heróico	267

	A doutrina e a acção no VII Congresso do Partido Bolchevique	269
	Nascimento do Exército Russo	273
7	A FOME E A INTERVENÇÃO CHECOSLOVACA	277
	A fome	277
	O desarmamento dos anarquistas	279
	A revolução e os seus dissidentes	284
	Duas teses. Bukharin: continuar a ofensiva	286
	Duas teses. Lenine: suspender a ofensiva	289
	Dialéctica dos acontecimentos	294
	A reacção na Ucrânia. A fome	297
	Conspirações e preparativos de uma intervenção dos Aliados	300
	A rebelião dos Checoslovacos	303
	Nacionalização da grande indústria	306
	Perante a fome	309
	Guerra aos camponeses ricos	312
	Anarquia e democracia soviéticas	315
	Estado de classe, exército de classe	320
8	A CRISE DE JULHO-AGOSTO.	325
	Mapa da Rússia.	325
	Os dirigentes.	327
	O Partido e os homens	333
	O V Congresso dos Sovietes	335
	Assassínio do conde Mirbach. Sublevação dos socialistas- -revolucionários de esquerda.	337
	O fim do bloco soviético.	339
	Iaroslavl	343
	A política de Noulens	346
	Ameaças e traição	349
	A Constituição Soviética	350
	O reverso das vitórias checoslovacas	354
	O fim dos Romanov	357
9	O TERROR E A VONTADE DE VENCER.	365
	O Comité dos Constituintes de Samara	365
	Em direcção ao terror	368

ÍNDICE

Os atentados contra-revolucionários	371
As jornadas de Setembro	375
O caso Lockhart	378
Sviajsk	379
Primeira vitória: a tomada de Kazan	384
O Volga, o Ural, o Kuban	388
Apogeu da contra-revolução democrática. O directório de Ufa	392
Permanência do terror	396
Esboço de um paralelo: 1793 e 1918	400
Teoria do terror	403
 10 A REVOLTA ALEMÃ	 407
A queda das Potências Centrais	407
Tudo pela Revolução Alemã	411
Novos perigos	415
Dados da Revolução Alemã	416
Os socialistas da contra-revolução no poder	420
O embaixador dos soviets, Joffe, é expulso de Berlim . . .	422
O grande exército do Don – Krasnov	425
A queda de Samara	429
Os Aliados na Sibéria – Kolchak	431
O VI Congresso dos Sovietes. Anulação do Tratado de Brest-Litovsk	434
A Ucrânia reconquistada	437
Vitória dos proletários da Rússia	440
Derrota dos proletários da Alemanha	441
Prinkipo	445
 11 O COMUNISMO DE GUERRA	 449
O bloqueio e a produção	449
As finanças	450
A agricultura	452
Dialéctica da vida económica	453
O esforço do proletariado e a burocracia	455
O primeiro ensaio de organização de uma sociedade socialista	458

Nova atitude dos mencheviques. O proletariado e as classes médias	460
O ensino, as ciências, as artes	465
A vida, os costumes	467
Novas relações das massas.	469
Lenine contra Kautsky.	473
A doutrina. No limiar do Ano II	476
POSFÁCIO INÉDITO (TRINTA ANOS DEPOIS)	481

APÊNDICES

A CIDADE EM PERIGO	505
A caminho da Rússia (Prefácio)	507
Segundo ataque do Exército Branco do general Yudenich contra Petrogrado (23-30 de Outubro de 1919)	511
<i>Perigo constante sobre Petrogrado</i>	511
<i>A derrota</i>	512
<i>Mentalidade do soldado</i>	513
<i>Os versalheses forçaram uma porta</i>	515
<i>Foi nessa hora</i>	517
<i>Um artigo de Trotski</i>	517
<i>Petrogrado à noite</i>	519
<i>Os comunistas</i>	520
<i>Atitude da população neutra</i>	522
<i>Confusão, improvisação, dúvida, inquietação</i>	524
<i>A república em perigo</i>	525
<i>O soviete</i>	526
<i>A força moral</i>	529
<i>A rua</i>	531
<i>Lev Davidovitch Trotski</i>	532
<i>A lei de ferro</i>	533
<i>Em Pedro e Paulo</i>	534
<i>Viragem</i>	535
<i>O esforço do Partido</i>	538
<i>Os anarquistas</i>	539
<i>Um gesto</i>	539

ÍNDICE

YUDENICH.	543
No círculo de ferro e fogo.	543
A Finlândia e a Estónia	545
O general inglês March	547
Um governo democrático	548
Um exército nacional	549
A vitória e a derrocada.	549
As causas.	551



Prefácio inédito (1938)

Em Janeiro de 1930, em Leninegrado, dava os últimos retoques nas derradeiras páginas deste livro e nas primeiras do Prefácio, que mais adiante lerão. Passaram-se desde então oito anos. E que anos! Conhece esta obra um destino singular, erguida toda ela com materiais da época, no contacto quotidiano com os participantes da revolução e com a única preocupação de fixar, mesmo apressadamente, uma verdade já ameaçada. Ei-la transformada num dos raros testemunhos do conjunto de uma época para sempre passada, e que se tornou, por força das circunstâncias, mais actual, mais viva do que a maior parte das obras publicadas desde então, e mesmo agora, sobre este assunto. E surgiram várias na U.R.S.S. Todas as que apareceram antes de 1937 estão agora fora da circulação, retiradas das bibliotecas, destruídas. O simples facto de as ler ou possuir é punível por lei; porque a história oficial, obrigatoriamente encaminhada na via das falsificações mais descaradas e ridículas, consagra-se à destruição dos documentos, das memórias, das recordações e até dos actos oficiais de então! Que o leitor que sabe russo confronte as edições sucessivas das enciclopédias editadas pela Biblioteca do Estado, em Moscovo, e logo terá consciência da exacta moderação com que me exprimo.

Esperava continuar este estudo da Revolução Russa. Mesmo no cativeiro, continuei a acumular notas, textos, testemunhas, e a pôr no papel os elementos de outro livro, tão vasto como este, cujo título deveria ser ANO II. Quando, banido, abandonei a Rússia em Abril de 1936, a polícia política reteve ilegalmente (mas esta palavra faz-me sorrir) todo esse material, bem como dois livros, já concluídos, fruto de

longos anos de trabalho. Algum dia, outros investigadores escreverão ANO II, mas a sua tarefa será difícil. Porque os homens desse tempo estão a ser suprimidos; e, com eles, as suas obras.

Consideremos, por momentos, os caminhos seguidos nos últimos oito anos pela Revolução Russa. Em 1925-1926, entra no que se pode chamar uma quarta fase. A reconstrução económica está concluída, o que constitui, cinco anos após o termo da guerra civil, um admirável êxito para um país entregue a si mesmo, e onde as classes trabalhadoras tomaram tudo à sua conta. O nível da produção e do consumo de 1913 está novamente atingido. Trata-se, pois, de aumentar a produção, de atingir o nível dos grandes países da Europa. Os problemas surgem todos a uma nova luz, em função das relações entre a agricultura e a indústria, o campesinato e a ditadura do proletariado. É então que a maioria dos homens de 1917-1918 se apercebe de uma transformação inquietante no Partido e no Estado. O poder escapa-se-lhes, passa para as mãos de homens novos, aventureiros do pós-revolução, instalados nas secretarias do Partido governamental. O secretário-geral do Comité Central, um bolchevique georgiano, na casa dos cinquenta, praticamente desconhecido nos anos decisivos da revolução – Estaline –, o ex-Koba das organizações terroristas do Cáucaso (1906-1907), tornou-se o símbolo vivo da revolução, enquanto é também um dirigente hábil e duro. A ideologia muda, muito embora se pretenda, em confusas discussões, respeitar a sua forma, a fim de se conservarem as velhas e prestigiosas flâmulas. Preconizando a industrialização, a democratização do Partido, e, depois do regime, uma política internacional activamente revolucionária no exterior, e principalmente na revolução chinesa, largamente influenciada pelos Russos, os mais notáveis, os mais ilustres dos combatentes da primeira hora e dos colaboradores de Lenine, Trotski em primeiro lugar, são excluídos do Partido em finais de 1927, para logo serem detidos ou deportados. O autor deste livro partilha a sua sorte.

A crise do trigo, que se deve à fraqueza da indústria socializada, não consegue bastar às necessidades dos cultivadores, obriga então o triunvirato Estaline-Rikov-Bukharin, que sucedeu ao triunvirato Zinoviev-Kamenev-Estaline, a impor ao país, enquanto o primeiro plano quinquenal de reaparelhamento industrial, a colectivização forçada e quase total da agricultura. Não podendo dar aos camponeses

uma mercadoria equivalente do seu trigo, é necessário obrigá-los a semear e a colher. Os anos 1926-1928 foram os de uma crise política extremamente grave; foram os anos que viram a burocracia, ainda muito longe de tomar consciência de si mesma, escorraçar do poder os revolucionários que tinham erguido o Estado soviético.

A colectivização forçada da agricultura leva ao esbulho e à deportação de vários milhões de camponeses, à destruição do gado, à fome geral dos anos 1930-1934. Esta nova fase da evolução do regime é marcada pelo recurso ao terror contra os camponeses, os técnicos, os operários (em menor grau), e por surdas lutas nos círculos dirigentes, que não cessam, contudo, de proclamar, em todas as circunstâncias, a sua unanimidade «monolítica». Pouco a pouco, instala-se permanentemente no Partido a perseguição às oposições escondidas. Ao mesmo tempo que consegue, à custa de um incrível trabalho e sofrimento humano, um novo e formidável aparelho industrial, a República Soviética toma-se num Estado totalitário, no qual a política é o principal meio de governo.

Semelhante transformação implica ao mesmo tempo uma profunda renegação e alteração de estrutura social; estes dois factos são rigorosamente conexos, ou antes, são apenas um. Se os ideais de 1917-1918, oficialmente venerados, realmente não são mais do que espezinhados, é porque a revolução igualitária culminou, em quinze anos, numa nova desigualdade, suficientemente grave e estável para fazer nascer, entre dirigentes e dirigidos, entre administradores das riquezas colectivizadas, senhores do Estado, e massas trabalhadoras de novo exploradas, um antagonismo irremediável. Tal é o resultado de uma revolução socialista, dirigida por um proletariado demasiado fraco, num imenso país agrícola, ainda para mais, rodeado de países capitalistas.

Daí a terrível crise política aberta em 1936-1938, no decurso da qual o ditador da burocracia empreende a liquidação sucessiva do velho Partido, o da revolução e da guerra civil, e do seu próprio Partido, aquele que o levou ao poder contra o primeiro, ainda demasiado impregnado de ideias socialistas. Morrem, fuzilados, os bolchevistas mais conhecidos, após monstruosos processos, em que a sua própria devoção, sabiamente manobrada por uma inquisição, serviu para os desonrar através de testemunhos falsos. Outros, menos célebres, morrem às centenas, aos milhares, fuzilados sem julgamento. Os obscuros

participantes da revolução, centenas de milhares, enchem os campos de concentração, enquanto é outorgada pelo Chefe ao país uma Constituição dita «democrática». Seis meses depois já não existe a maioria dos autores desta Constituição; às dezenas, desaparecem os deputados dos novos conselhos, ou durante as eleições, ou logo que eleitos e apesar de invioláveis. E a Constituição não deixa vestígio algum dos antigos soviets, concebidos em 1917 como órgãos essenciais do Estado⁽¹⁾.

Dos homens de primeiro plano, cujo nome se encontrará nas páginas que se seguem, só um sobrevive, Trotski, perseguido há quase dez anos e refugiado no México⁽²⁾. Morreram Lenine, Dzerzhinski, Chicherin; parece terem assim evitado a proscrição. Zinoviev, Kamenev, Rikov e Bukharin foram fuzilados.

Dos combatentes da insurreição de Novembro de 1917, o herói de Moscovo, Muralov, foi fuzilado; Antonov-Ovseenko, que dirigiu o assalto ao Palácio de Inverno, desapareceu na prisão; Krilenko, Dibenko, Shliapnikov, Gliebov-Avilov, todos membros do Primeiro Conselho dos Comissários do Povo, tiveram a mesma sorte, assim como Smilga, que dirigiu a frota do Báltico, e Riazanov; Sokolnikov e Bubnov, do Comité Político da Insurreição, encontram-se presos, se é que ainda estão vivos; dos dois primeiros dirigentes da Ucrânia soviética, um, Piatakov, foi fuzilado; o outro, Rakovski, velho, alquebrado, está preso; Karakhan, negociador de Brest-Litovsk, foi fuzilado.

Dos heróis das batalhas de Svaijsk e do Volga foram fuzilados Ivan Smirnov, Rosengoltz e Tukhachevsky; Raskolnikov, posto fora da lei, desapareceu; dos combatentes do Ural, Mratchkovski foi fuzilado, Beloborodov desapareceu na prisão; Sapronov e Vladimir Smirnov, combatentes de Moscovo, desapareceram na prisão; tal como Preobrajenski, o teórico do comunismo de guerra; Sosnovski, porta-voz do Partido Bolchevique no Primeiro Executivo Central dos Sovietes da Ditadura, foi fuzilado; Yenukidze, primeiro secretário desse Executivo, foi fuzilado. A companheira de Lenine, Nadejda Krupskaja, acabou os seus dias numa espécie de cativeiro mal definido.

⁽¹⁾ Pode ver-se na minha obra *Destino de Uma Revolução*, um balanço e um quadro pormenorizado da evolução da U.R.S.S. entre 1917 e 1937.

⁽²⁾ Veio a ser assassinado a 20 de Agosto de 1940.



Fayzulla Xo'jaiev (1896),
líder da República Popular Soviética
de Bucara.

Dos homens da revolução alemã, Joffe suicidou-se; Karl Radek está na prisão; Krestinski, que continuou a sua acção na Alemanha, foi fuzilado.

Da oposição socialista-revolucionária de 1918, sobrevivem provavelmente Maria Spiridonova, Trutovski, Kamkov, Kareline, mas em cativeiro desde há dezoito anos; Blumkine, que passou para o Partido Comunista, foi fuzilado.

Dos homens que no Ano II asseguraram a vitória da revolução, poucos sobrevivem: Kork, Iakir, Uborevich, Primakov, Mouklévitch, chefes militares dos primeiros exércitos vermelhos, foram fuzilados; igualmente, os defensores de Petrogrado, Evdokimov e Bakaev; também os bolcheviques do Cáucaso, Mdivani, Okoudjava, Eliava; fuzilado, Fayzulla Xo'jaiev, que desempenhou um grande papel na sovietação da Ásia Central; desaparecido na prisão, o presidente do Conselho dos Comissários dos Soviotes da Hungria, Béla Kun.

A vitória revolucionária, salvaguardadas todas as proporções, não custara mais do que ligeiras baixas aos vencedores; dezoito anos mais tarde, em contrapartida, a reacção burocrática, que conquistou o poder sem luta, aniquilou toda uma geração, em ondas de lama e de sangue.

E estamos nisto. Um dos problemas essenciais do momento é saber se a ditadura totalitária, sob a sua actual forma policial, é compatível com o simples funcionamento da produção nacionalizada. Há todas as razões para duvidar disso.

A imensa obra de transformação social iniciada em 1917, num país atrasado e devastado pela guerra, permanece, contudo, admirável a mais de um título: pelas energias e esperanças que suscitou e também pela experiência histórica. Subsistem as bases de uma nova ordem, sustentada já não na propriedade privada dos meios de produção, mas na propriedade socializada. Esta economia, regida por um plano único e embora nas mãos de um poder muitas vezes pouco inteligente e quase sempre bárbaro, mostrou-se dotada de uma actividade e de uma capacidade criadora extraordinárias.

Seria verdadeiramente entrar em desespero acerca do homem e tudo ignorar dos caminhos da História admitir que a actual reacção, que nos faz regressar em tantos pontos ao despotismo russo dos séculos passados, seja a última palavra da Revolução Russa. Este pesadelo conhecerá o seu fim, como tantos outros antes dele. O verdadeiro balanço da Revolução Russa só poderá ser feito quando germinarem as sementes prodigalizadas nos anos de desenvolvimento de um grande povo.

VICTOR SERGE

Paris, Setembro de 1938